

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

SÔNIA VENÂNCIO DE ARAÚJO

ZOOMORFIZAÇÃO DO PERSONAGEM FABIANO EM *VIDAS SECAS*

**PONTES E LACERDA – MT
2011/2**

SÔNIA VENÂNCIO DE ARAÚJO

ZOOMORFIZAÇÃO DO PERSONAGEM FABIANO EM *VIDAS SECAS*

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras,
apresentada ao Departamento de Letras da UNEMAT - Campus
Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para
a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador – Prof. Mestre : José Pereira da Silva Neto

A presente monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte Banca Examinadora:

Nota: _____

Prof. Me. : José Pereira da Silva Neto (Orientador)

Prof.^a Me. : Gislei Martins de Souza (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr. Marinei Almeida (Banca Examinadora)

Aprovada em: ____/____/____

À minha filha querida; Kamila Emanuely, a qual muita das vezes não pude colocá-la para dormir ou vigiar seu sono, pois decidi trilhar um caminho de estudo, aprendizado e crescimento intelectual, por isso, este trabalho é dedicado especialmente à você, Kamila, anjo da minha vida. Ao meu esposo Valdimar reservo-lhe um lugar especial na minha trajetória de estudos e de conclusão deste, obrigada pela compreensão. Com vocês eu pude descobrir o verdadeiro sentido da palavra: família; descobri que é aquela que te ajuda a levantar quando por ventura cair ou desanimar diante dos percalços da vida.

Sou extremamente agradecida àqueles que confiaram na minha capacidade de realização, que sempre me incentivaram a crescer e a lutar, mesmo quando a situação pedia para desistir.

À meus pais: Marlene e Mauro, agradeço por mostrar os caminhos que uma pessoa digna deve trilhar. Que sempre estiveram comigo e mesmo sem dizer uma palavra conseguiram fazer com que eu entendesse que sempre podia ir mais longe. Agradeço pelo amor a mim dedicado e reservo a vocês o meu amor e a minha gratidão.

À meus irmãos: Sandra e Vanderlei, grandes incentivadores do pensamento de vitória, obrigada por sempre estarem do meu lado, são pessoas que vibraram no meu sorriso e choraram em minhas lágrimas.

Aos meus cunhados: Selma, Valdirene, Valdisom, Valdinea, Daguiá, muito obrigada.

Aos meus sogros: Helena e Emanuel, agradeço pela força.

À minha querida amiga Valéria Francisca de Oliveira que sempre me fez ver a vida de forma leve e sensata, mostrando-me a beleza das coisas mais simples que passam por nós, mas que o fardo diário das tarefas e obrigações não nos deixava enxergar. Agradeço especialmente a você por ter acreditado que eu poderia vencer na vida, pela mão amiga e por me incentivar na busca pelo conhecimento. Na vida encontramos pessoas que dizem: *vai em frente*, mas você foi aquela que sempre disse: *vamos juntas*.

À meus colegas de faculdade: Lucelina, Daiane e Creiwiane, agradeço a Deus por tê-los conhecido nesta minha trajetória de vida, e juntos termos enfrentado nossos medos e inseguranças.

À Deus, deixei-o por último, mesmo diante da sua sublime presença em minha vida, por ser, também, o último a quem minhas memórias irá esquecer.

Resolvi que não queria ficar eternamente igual, mas durante o curso percebi o quanto a transformação dói, então foi preciso descobrir que a dor de permanecer igual era maior que a dor da transformação para que, desta forma, eu conseguisse forças e coragem para permanecer na faculdade e concluí-la.

*... Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
de uma aquarela que um dia em fim
Descolorirá....
Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo ... (que descolorirá)
e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo ... (que descolorirá)
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo.(e
descolorirá).
(Vinicius de Moraes e Toquinho)*

Resumo

A obra *Vidas Secas* (1937-1938[1975]), de Graciliano Ramos, é um romance regionalista ambientado no final do século XIX e início do século XX. Neste período o Brasil passou por um processo de modernização, de modo que as artes literárias refletiam toda essa problemática que se alicerçava no rol dos acontecimentos sociais. Dentre os diversos temas que emergiam do processo de modernização, é possível observar a busca por um nacionalismo que fosse genuinamente da cor “Verde e amarela”, ou seja, que tivesse a “cara do Brasil”. Dentro deste contexto, os escritores procuravam retratar o Brasil por meio de suas facetas contrastantes, ou seja, a civilização e barbárie; o moderno e o tradicional. São exatamente estes contrastes que se pode observar no romance de Graciliano, visto que este mostrou as mazelas da sociedade urbana em contraponto à vida sofrida do sertanejo nordestino. Ao fazer este paralelo, o escritor construiu seus personagens como ferramenta de crítica social, de modo a construir a dicotomia homem/animal para estabelecer o estado de miserabilidade e condição subumana do seu personagem Fabiano. Assim, as condições sociais do homem no sertão nordestino no tempo e espaço em que a obra foi produzida revelam o abandono do sertanejo pelo Estado e exclusão pela sociedade, fato de crucial relevância para que Fabiano se resignasse diante da situação como um bicho acuado e aniquilado pelas regras e normas sociais. Sob este prisma, Fabiano era concebido como um sujeito desprezível ao ser visto como um bicho pela sociedade e pelo Estado. É neste momento que principia o processo de zoomorfização do personagem Fabiano, ao passo que este pensava e falava como um bicho, pois usava de sons guturais, onomatopéias e gesticulações para se comunicar; vivia em situação subumana, pois comia restos de comida e sopas de ossos de boi. No intuito de analisar a crítica social que se circunscrevia no zoomorfismo de Fabiano, em especial por pretender responder a hipótese de que a zoomorfização partia de fatores externos ou internos, é que este trabalho se alicerça em dois capítulos. O primeiro intitulado: *Homem e Animal: dois elementos imbricados numa crítica social*, trata da abordagem da crítica pretendida pelo autor ao construir o personagem Fabiano metamorfoseado em animal. Já no capítulo seguinte *Fabiano: um ser humano à margem da linguagem* a abordagem se dá pelo viés de que o zoomorfismo do personagem e todas as agruras do sertão nordestino estão refletidos na linguagem seca e de economia vocabular de Fabiano.

Palavras – chave: Dicotomia homem/animal; crítica social; mimese literária; seca nordestina.

SUMÁRIO

Resumo.....	7
Introdução.....	9
1-Homem e Animal: dois elementos imbricados numa crítica social.....	11
2-Fabiano: um ser humano à margem da linguagem.....	21
Considerações Finais.....	29
Referências Bibliográficas.....	31

Introdução

Vidas Secas (1937-1938[1975]), de Graciliano Ramos, é um romance compreendido pela 2ª fase modernista, o qual reflete os acontecimentos sociais que se anunciavam no período em que se deu a composição desta obra literária. O tema da modernidade era uma discussão constante entre os literatos da época, de modo que surgiu, neste contexto, a necessidade de formar uma unidade nacional, pois a sociedade transitava entre dois Brasis distintos, uma vez que figurava, de um lado, uma nação urbana e civilizada, e de outro lado, uma nação desconhecida como o meio rural e conservador.

Face ao exposto, este romance trouxe de forma contundente uma visão crítica do sertão nordestino, enquanto um mundo desconhecido.

Através do romance é possível observar a realidade sofrida do sertanejo no nordeste agreste. Assim, tem-se uma narrativa que aponta para uma abordagem realista. A esse aspecto, pode-se considerar que “o realismo de Graciliano não é orgânico e nem espontâneo. É crítico”. (BOSI, 1980, p. 402).

Para orquestrar sua crítica social, o escritor compôs uma obra narrada em terceira pessoa, de modo que isto lhe permitiu mergulhar na alma dos personagens e revelar, até mesmo, as ideias e sentimentos do sertanejo, como elemento de análise do homem no sertão nordestino.

Vidas Secas trata da história de uma família constituída por Sinhá Vitória, o filho mais novo, o filho mais velho e a cachorra Baleia, os quais eram liderados por Fabiano – o chefe da família. A narrativa retrata a vida sofrida do sertanejo nordestino frente à fome, seca e miséria.

No decorrer da narrativa, algumas questões causaram-me inquietação, visto que Graciliano Ramos desenvolveu um conflito em que o homem era comparado ao animal, e minha proposta de pesquisa se alicerça justamente nestes dois polos conflitantes (homem/animal), de modo que procurarei identificar a pretensão do autor ao construir um personagem como Fabiano enquanto ferramenta de crítica social, e também sobre as implicações que residem nos recursos linguísticos utilizados pelo personagem, uma vez que este se comunicava através de sons guturais, gesticulações e onomatopéias.

Esta pesquisa se fundamentará na tentativa de elucidar as hipóteses iniciais e inquietações que me interpelaram durante as leituras. Face ao exposto, duas hipóteses suscitaram num primeiro momento, as quais cito a seguir:

- Os fatores externos, tais como a condição flagelada do sertanejo: de fome, seca e miséria, é o que determina a sua condição degradante de animal;
- A condição de animal é, antes de tudo, um reflexo de sua própria miséria mental, sendo algo influenciado pela sua condição interior, visto que em alguns momentos o próprio personagem se intitula como animal. Podemos referenciar o momento em que Fabiano conversa com a cachorra Baleia, dizendo: _ “Fabiano você é um homem”. Num segundo momento este se revelava com menos otimismo e, de acordo com sua realidade, se corrigia _ “Você é um bicho Fabiano”.

Pelo exposto, tem-se como objetivo crucial analisar o personagem Fabiano como um mecanismo usado por Graciliano Ramos para tecer sua crítica à sociedade do final do século XIX e início do século XX. No curso deste trabalho, buscarei um aprofundamento na obra *Vidas Secas* e trazer à superfície da discussão a compreensão sobre o aspecto da análise de Fabiano em uma narrativa de cunho regionalista, que tratou de forma realista, e talvez até cruel, a vida, a cultura, a linguagem, a discriminação e o abandono sofrido pelo sertanejo nordestino.

Acredito que esta será uma forma de compreender as condições sociais do homem no sertão nordestino no tempo e espaço em que a obra foi produzida. Em “Vidas Secas... A sua paisagem nos é familiar: O Nordeste decadente, as agruras das classes médias no começo da fase urbanizadora, os conflitos internos da burguesia provinciana e cosmopolita”. (Bosi, p. 435).

Assim, para discutir estas questões, o presente trabalho se divide em dois capítulos, de modo que no primeiro faço uma abordagem da crítica social almejada por Graciliano Ramos ao construir um personagem zoomorfizado como Fabiano. No segundo capítulo faço uma abordagem quanto à linguagem deste personagem, que por sua vez ocorre de forma gutural e monossilábica. Os capítulos estão intitulados respectivamente como: *Homem e Animal: dois elementos imbricados numa crítica social* e *Fabiano: um seu humano à margem da linguagem*.

Portanto, sem esgotar todas as possibilidades, buscarei compreender, no plano da narrativa, a dicotomia homem/animal criada por Graciliano Ramos para estabelecer o estado de miserabilidade e condição subumana de Fabiano.

1- Homem e Animal: dois elementos imbricados numa crítica social

O ambiente retratado em *Vidas Secas* (1937-1938 [1975]) é o sertão nordestino com todas as suas mazelas, problemas sociais e acontecimentos da década de 30. No campo político a década de 30 sofreu grandes transformações, tais como a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, a revolução que colocou Getúlio Vargas no poder, a crise cafeeira, o processo de modernização do país e o declínio do nordeste, pois “a crise da sociedade brasileira apresentava-se no Nordeste com cores mais intensas do que no resto do Brasil”. (COUTINHO, 2005, p. 159). Isso fez com que os romancistas trouxessem para o cenário literário as questões que influenciavam a vida do homem. Assim, tem-se naquele período uma visão mais crítica do cenário social, de modo que o homem passou a ser retratado a partir dos problemas que o meio social lhe proporcionava, isto é, as mazelas sociais, proporcionadas pelo ambiente e pela sociedade, eram fontes de análise e crítica social para os escritores da época.

Já no campo artístico, os literatos da época procuravam pensar o Brasil a partir de seus contrastes, mantendo um paralelo entre modernidade e tradicionalidade, principalmente no que tange à uma abordagem literária que mostrasse os contrastes entre civilização e barbárie, momento pelo qual os escritores da década de 30 apontavam as diferenças existentes entre o meio urbano e o meio rural.

A contradição entre um mundo alienado e indivíduos inconformados que lutam contra a alienação, aliás, é o conteúdo essencial do gênero romanesco. Quebrando as barreiras e as estratificações fossilizadas da sociedade feudal, superando a mediocridade da vida rural, contribuindo para a unificação do mundo em torno de um mercado único, promovendo o domínio e a conquista da natureza, o capitalismo representou um formidável estímulo às potencialidades criadoras do homem. (COUTINHO, 2005, p. 163 e 164).

Sob este prisma, dois Brasis se alicerçavam no cenário brasileiro, ou seja, o moderno e o tradicional; um Brasil idealizado e, em contrapartida, um Brasil “real” isto é, surgia, neste contexto, as contradições entre a sociedade urbana e o meio rural, visto que a sociedade urbana era vista como moderna e o meio rural era visto como conservador e alheio às tecnologias.

Essas questões contribuíram para a composição de uma obra literária com estilo ficcional mais maduro, ou seja, uma obra de arte enquanto meio para tratar dos problemas sociais e, conseqüentemente, buscar um despertar para a realidade, principalmente a partir do movimento modernista que se deu com a semana da arte moderna em fevereiro de 1922. Esse

movimento foi essencialmente importante no que se refere à produção literária brasileira, visto que o grande objetivo era retratar o “verde e amarelo” do Brasil, ou seja, de trazer à superfície uma descrição nacionalista genuinamente brasileira.

Esta forma de pensar deu origem a uma nova concepção do cenário brasileiro, de modo que o areal sertanejo e o homem que lidava com este ambiente – antes concebido como uma nação distante e, talvez, até desconhecida – se fez presente no texto literário ao romper a fronteira do desconhecido e apresentar ao mundo 'civilizado' um Brasil desdenhado e esquecido pelo Estado e pela sociedade. Assim, o Brasil é redescoberto, de modo que ocorre a refundação de uma nova identidade nacional.

É exatamente isto que se pode observar em *Vidas Secas*, pois Graciliano, através da obra literária refletiu sua visão do Brasil e retratou o personagem Fabiano a partir das hostilidades que o ambiente lhe impôs. Neste contexto, a seca nordestina funcionava como pano de fundo para que o autor pudesse fundamentar sua crítica. Face ao exposto, a seca não era o problema central da obra, contudo, o escritor tomou desta ferramenta para apontar que esta era fruto resultante da fragilidade sócio-econômica e política do país; suscitando a reflexão de que acabar com a seca dependeria de uma vontade política.

Na narrativa, a seca nordestina foi muito além do plano geográfico e alcançou uma dimensão ainda maior, isto é, ela “secou o sertanejo” negando-lhe o direito a uma vida digna e fazendo-o viver como um animal para não morrer devorado pelo ambiente. Assim, Fabiano lutava pela vida:

Apesar da passividade exterior, em nenhum momento Fabiano desiste de lutar, de resistir ao mundo hostil, de buscar uma situação que o arranque da condição de animal e o conduza a um mínimo de dignidade que torne possível uma vida realmente humana. (...) A passividade absoluta, a adequação àquele mundo vazio e estático, é uma opção – consciente ou não – pela autodestruição: para *viver*; para garantir as condições mínimas que possibilitem a manutenção da vida humana, é preciso se opôr à realidade e buscar uma via que aponte para fora daquele universo de miséria e de morte. (...) Portanto, o valor buscado por Fabiano, que o leva a contrapor-se a um mundo alienado – busca e contraposição que fazem dele, em sentido bastante lato, um “herói problemático” –, é simplesmente a *vida* como realidade imediata. Desligado da classe social à qual pertence, Fabiano não pode compreender claramente os meios através dos quais é possível a realização do seu desejo de viver. (COUTINHO, 2005, p. 2000).

Conforme ressalta Coutinho, nota-se que Fabiano precisou caminhar à margem da realidade para conseguir sobreviver. Em outras palavras, foi necessário romper o elo com o universo social permeado por convenções e regras, para então, 'viver' naquele universo de

fome, miséria e morte como era o sertão nordestino, de modo que o objetivo maior que conduzia Fabiano era o desejo de viver, por isso o personagem se afastou da sociedade urbanizada, se autodestruíu enquanto um sujeito pertencente a um grupo social, para conseguir sobreviver no sertão, mesmo que fosse ao estilo animal.

O personagem era consciente de que havia dois mundos diferentes: urbano e rural, mas somente em um desses mundos Fabiano era aceito: Para lá dos montes afastados havia outro mundo, um mundo temeroso; mas para cá, na planície, tinha de cor plantas e animais, buracos e pedras. (RAMOS, 1975, p. 123). O personagem temia o mundo que se desenhava por detrás da planície; sabia que possuía um espaço, mas seu espaço tinha limites, ele só ia até onde se fixava os limites dos montes. Essa era a linha divisória entre o mundo alienado e sua vida animalesca.

Graciliano Ramos trouxe para o espaço literário um Brasil que não estava incluso no projeto de modernidade tão almejado na época, pois o sertão era enxergado como uma prova cabal de que o Brasil era atrasado e não moderno. Essa disparidade, entre o que se pretendia 'vender' como imagem do Brasil e o que este era de fato em sua essência, podem ser observados no momento em que Fabiano e sua Família vão a uma festa na cidade, pois os personagens precisam se adequar ao ambiente de modernidade, usando de roupas e calçados que eram usados pelas gentes da cidade. Esta era uma forma de não apenas ser aceito nesse meio, mas uma forma de mascarar um Brasil conservador como o meio rural.

Fabiano, sinhá Vitória e os meninos iam à festa de Natal na cidade. Eram três horas, fazia grande calor, redemoinhos espalhavam por cima das árvores amarelas e nuvens de poeira e folhas secas. (...) Fabiano, apertado na sua roupa de brim branco feito por sinhá Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia(...). (RAMOS, 1975, p.71)

As roupas usadas por Fabiano simbolizam o espaço moderno numa tentativa de esconder a essência rural do personagem por detrás das vestes utilizadas pelo povo da cidade. Neste sentido, ocorre uma tentativa de camuflar o lado conservador do Brasil através de um projeto de modernidade.

É possível atentar para o fato de que o personagem Fabiano “procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia”. A ideia de andar ereto revela a evolução do homem do estado de animal para o estado de civilização. Neste aspecto, o personagem para

ser aceito aos olhos do povo da cidade procura elevar sua postura ao nível humano, mesmo que sua essência ainda fosse animalésca.

Essa forma de conceber a realidade de modo mais aberta e crítica quanto aos acontecimentos que norteavam o cenário brasileiro, fez com que Graciliano Ramos revestisse a obra de um tom denunciativo, em especial por apontar a seca do sertão nordestino enquanto mediadora de problemas sociais, tais como: as condições subumanas enfrentadas pelo sertanejo para conseguir sobreviver à fome; a miséria e ao descaso público. As condições de vida do sertanejo estavam à margem de uma perspectiva humana, sendo que este fator favorecia a animalização do ser.

Graciliano Ramos, ao compor *Vidas Secas*, desenvolveu mecanismos de comparação entre dois polos distintos: homem e animal. Contudo, no decorrer da narrativa esses dois polos se fundem num só, o que produz a zoomorfização do personagem Fabiano. Essa forma de caracterizar o humano animalizando-o revela uma crítica à situação subumana vivenciada pelo sertanejo. Neste contexto, Candido e Castello ressaltam que:

A composição de sua obra resulta de um processo rigorosamente seletivo e subordinado essencialmente aos limites da experiência pessoal, notadamente sertaneja. (...) Compõem-se aspectos da paisagem do Nordeste agreste, das zonas agro-pecuárias, em ligação sub-humana do caboclo sertanejo, com a sua consciência embotada, e sua inteligência retardada, as suas reações devidas a reflexos condicionados por um sofrimento secular, por sua vez determinado pelas relações do homem com a própria paisagem e pela passividade ante os mais poderosos. (1968, p. 295)

De acordo com Candido e Castello, Graciliano Ramos transpôs para o espaço literário uma representação da vida do sertanejo, e tal representação se fundamenta no instante em que a realidade instaurada no sertão nordestino foi tratada numa relação ficcional entre o sujeito sertanejo e o ambiente agreste do sertão. Sob este aspecto, a realidade do meio físico e psicológico do sertanejo foi transposta para o espaço de ficção conferindo à mesma um efeito de realidade ao tratar de questões presentes no Brasil do final do século XIX e início do século XX.

No desenrolar da narrativa, Graciliano tece sua crítica de modo que esta vai além do problema da seca nordestina e repousa em vários outros aspectos, tais como a miséria mental de Fabiano, proporcionada pela falta de escolaridade; a ausência de políticas públicas no nordeste; a ausência de comunicação entre o personagem e sua família; a baixa perspectiva de mudança da realidade – de modo que o personagem acreditava estar condicionado ao

sofrimento, humilhação e fome, portanto, não poderia mudar esse quadro social.

O personagem Fabiano aos poucos foi se adaptando ao ambiente ríspido da seca; de natureza degradada, pois começou a buscar sua sobrevivência naquilo que a situação lhe oferecia, ou seja, seu alimento se deu a partir do que o ambiente lhe disponibilizava, tais como palma, calango, macambira, sopa de ossos de boi. Visto por este prisma, torna-se evidente que Fabiano conseguiu se adaptar à natureza, mesmo diante da precariedade oferecida por ela:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrerá na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. (...) Tinha andado à procurar raízes à toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdido na catinga. (...) Vira de perto a realidade e o papagaio (...). Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesmo que ele era mudo e inútil. (RAMOS, 1975, p.71)

Neste sentido, o personagem se vê diante de uma realidade miserável, e mesmo sem se dar conta da seleção natural das coisas, em que somente os mais fortes conseguem sobreviver, Fabiano se alimenta de seu papagaio para não morrer de fome. Isto é, mesmo diante da precariedade de alimentação propiciada pelo ambiente da seca, este busca um meio de sobrevivência no momento em que se vê diante da morte de seu papagaio, e percebe que isto significa a possibilidade de continuar vivo e prosseguir em sua busca por um espaço em que possa criar raízes e viver com sua família.

Embora Fabiano tenha conseguido encontrar meios para sobreviver ao ambiente da seca, este não conseguiu se inserir na sociedade urbana, visto que o próprio sistema excludente o distanciava da socialização. Fabiano era excluído da sociedade letrada, pois não teve acesso à escola; era marginalizado pela sua linguagem, pela sua ignorância; era vítima do abuso de poder por não ter ciência de seus direitos ou não ter voz ativa para defendê-los. Fabiano, deste modo, era concebido como um animal.

Visto por este prisma, é possível reportar ao momento em que o soldado amarelo efetua uma prisão, momento em que o personagem Fabiano fica indignado com a situação, pois compreende a prisão, a qual fora submetida, como abusiva. Assim, o personagem se indagava: “Então porque um sem vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se a pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças”. (RAMOS, op. cit., p.33) Isto nos leva a compreender a invalidez do homem frente ao sistema político da época.

Desta feita, se pode sustentar a ideia de que a sociedade urbana dificultava a inserção

de Fabiano no espaço civilizado, uma vez que o personagem só era enxergado como sujeito para ser punido diante de algum crime que este viesse a cometer. Ou seja, o espaço que este tinha no meio social não era de aceitação e/ou acolhimento, e sim de cobrança e punição por não compartilhar das regras que são inerentes ao convívio em sociedade.

Fabiano adapta-se à natureza e à sociedade, está conformado com sua pobre condição. (...) Fabiano não é um cidadão e sabe disso, tanto que chega a insinuar que o Estado só se ocuparia dele para puni-lo caso cometesse um crime. O sertanejo pode até adaptar-se à natureza, mas estará sempre submetido à sociedade. (BRAGA, 2006, p.187)

No momento em que Fabiano entrou em conflito com o soldado amarelo, Graciliano Ramos fundamentou sua crítica no abuso de poder, injustiça e tortura empregada pela polícia como meio de coerção. É neste sentido que Fabiano insinua que só se tornaria visível ao Estado se fosse para este puni-lo. A polícia enquanto um aparelho do Estado mostrava suas facetas agressivas e, talvez, até doentias: (...) “a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele”. (RAMOS, op. cit. p. 95)

O mesmo conjunto de regras e normas sociais que excluiu Fabiano na ficção, também se torna passível de exclusão a muitos sertanejos da década de 30, principalmente pelo fato de a obra graciliana tratar de questões sociais que se entrelaçavam à sociedade daquele período. Fabiano representava, ainda, o trabalhador em situação análoga à escravidão, haja vista que este era explorado e roubado pelo patrão. Neste sentido, as relações de trabalho da época também eram discutidas na obra literária.

A literatura da década de 30, precisamente, o romance de 30 no Nordeste trouxe grandes contribuições para a reflexão sobre a exploração do homem pelos latifundiários, bem como o trabalho enfrentado pelo sertanejo nas atividades agrícolas no sertão:

Solitário, consequentemente impotente, Fabiano é presa fácil da exploração e do embuste, impossibilitando de reagir não só às trapaças de seu patrão (nas quais a exploração se faz presente e imediata), como às violências do “soldado amarelo” que representa o governo que garante e protege a dominação latifundiária. (COUTINHO, 2005, p. 198 e 199).

Conforme Coutinho, é possível compreendermos uma herança escravocrata imperando nas relações de trabalho entre o empregado e o empregador. De modo que Graciliano Ramos, através do narrador e do desenvolvimento das ações, trouxe uma visão da relação capital/trabalho. Contudo, a relação escravocrata existente na obra não acontece conforme aos moldes de escravidão do século XIX, pois o escravagismo nas relações entre Fabiano e o

patrão não se configurava pelo viés da posse em que conferia aos senhores de terras o direito de serem donos e proprietários do negro, obrigando-o ao trabalho forçado regado ao açoitamento. Já na narrativa isto ocorre através da injustiça, visto que o personagem estava envolvido pelo patrão numa trama de endividamento, fazendo com que Fabiano fosse vítima da exploração.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender; o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia. (...) passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca ganhar carta de alforria! (RAMOS, 1975, p. 93)

Deste modo, as relações de escravidão existente entre Fabiano e o patrão se deu não pela cor, mas pela condição de opressão circunstanciada pelo ambiente desfavorável a uma vida digna: “os juros altos mal calculados, os impostos inesperados, o soldado amarelo”, ou seja, é possível observar “toda a trama dominadora dos “brancos”” (SEGATTO & BALDAN, 1999, p. 118), fazendo com que Fabiano, diante da situação, se sentisse um negro sem direito à carta de alforria.

Assim, na obra *Vidas Secas* os conflitos sociais e/ou problemas da época podem ser observado no desenrolar dos acontecimentos na narrativa, como por exemplo, a cobrança de impostos difundidos pelo Estado, momento em que Fabiano se sentiu deslocado e incompreendido pelo sistema governamental. Assim, o personagem preferia se distanciar do sistema governamental, pois não sabia como lidar com as regras regidas pelo sistema, de modo que para Fabiano era melhor que: “Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor de seus troços. Não entendia de impostos”. (RAMOS, 1975, p.94).

O personagem se distanciava cada vez mais do “Brasil civilizado”, pois não sabia lidar com as pessoas e nem com a linguagem, visto se identifica com os animais. Embora ocorresse este distanciamento do espaço civilizado, este possuía uma educação que muitos civilizados eram desprovidos, ou seja, Fabiano sabia ser educado, evidenciando claramente a ideia de que a sociedade urbanizada era bem mais selvagem que os sertanejos: uma barbárie que foi negada, mas que nunca deixou de fazer parte dos ditos civilizados.

Fabiano (...) era bruto, não fora ensinado. Atravimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. (...) Bruto, sim, senhor, mas sabia respeitar os homens. (...) Enfim, como não sabia ler (um bruto sim senhor), acreditava na sua velha. Mas pedia desculpas e jurava não cair noutra. (RAMOS, op. cit., p.93).

O personagem sabia da sua posição nas relações sociais, em meio a uma sociedade desigual, sendo impossível se contrapor. Assim, a voz do personagem era apagada pelo sistema, havia todo um princípio de submissão, no sentido de uma relação de quase selvageria, que por sua vez era destituída de violência.

No momento em que Fabiano faz parte desta relação de selvageria este se distancia do Brasil “civilizado”, haja vista que o personagem era “bruto” e não conseguia agir e pensar conforme os moldes civilizados, uma vez que não teve acesso à escola, por isso não conseguia se inserir no mundo letrado. Fabiano se considerava bruto e não podia mudar seu interior. “Não podia arrumar o que tinha no interior, se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam criaturas inofensivas”. (RAMOS, op. cit., p.36).

De acordo com os caminhos embrenhados, Fabiano, notadamente, entrou em conflito consigo mesmo dizendo não poder mudar seu interior, revelando sua miséria mental. Entretanto, em outros momentos, o personagem era embrutecido pelo ambiente hostil do sertão nordestino, pela injustiça e abandono da sociedade urbanizada. A todo instante essas questões mantinham um paralelo; em alguns momentos a zoomorfização de Fabiano parecia ser algo delimitado por fatores externos, mas em outros momentos, isto parecia estar imbricado no seu próprio interior, na sua pobreza de pensamento e ideias.

Apesar de ser possível traçar o perfil animalesco de Fabiano através das circunstâncias oferecidas pelos acontecimentos na narrativa, pode-se, ainda, verificar que Graciliano Ramos marcou este personagem por uma constante comparação às características físicas que são próprias dos animais.

(...) porque haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo do mato **como bichos?** Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, **como bichos?** Fabiano respondeu que não podiam. [...] Os calcanhares **duros como cascos**, gretavam-se e sangravam. [...] Derreado, bambo, espichava-se e **roncava como um porco**. [...] era um desgraçado, era **como um cachorro**, só recebia ossos. (grifos meu). (RAMOS, 1975, p. 121, 98,).

O personagem Fabiano era comparado a animais, pois sua condição de vida determinava esta condição miserável. Isto é, a forma como este personagem se lança para a sobrevivência o coloca em igual semelhança a muitos animais, visto que possuía os *calcanhares duros como cascos*, o que se devia ao fato de andar com os pés no chão, de modo que o narrador concebe Fabiano como um cavalo, apontando, ainda, para o personagem em igual semelhança com o cachorro, pois este se alimentava de sobras; de restos de comida; de

sopas de ossos de boi – alimentos que se davam aos cães. Graciliano Ramos tomou de uma alegoria para retratar o sertão nordestino, de modo que Fabiano era o próprio sertão, visto que o personagem passa a ser um elemento simbólico na representação do ambiente sertanejo.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.
 Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. **Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos;** mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. (grifos meu). (RAMOS, 1975, p.18)

Fabiano alegoricamente era o sertão nordestino, pois este tinha os pés gretados, como as rachaduras existentes na terra seca do sertão. A pele do personagem era extremamente bronzeada, sinais de que o sol havia-o castigado em demasia; sua pele era vermelha como era vermelha a terra do sertão. Os olhos azuis do personagem eram uma alusão ao céu azul e sem nuvens, o qual indicava a ausência de chuva e presença de sol escaldante.

A comparação de Fabiano ao animal revela uma crítica ao modo subumano como os sertanejos viviam. Sob este aspecto, pode-se considerar que o personagem, ao ser concebido como um animal deu origem a uma ambiguidade, ou seja, o personagem era compreendido como um bicho por ser forte como este e sobreviver à seca: - “você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades”. (RAMOS, 1975, p.18). Contudo, em outros momentos o personagem era considerado um bicho por sofrer humilhações que só um animal suportaria: - “um bicho, Fabiano. Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã”. (RAMOS, op. cit., p.18). A desumanização vivida por Fabiano fez com que este recuasse à condição de animal.

A sociedade representada pelo soldado amarelo, pelo patrão e pelo fiscal condenava o sertanejo a dois extremos: morrer de fome ou viver como um animal. Fabiano era considerado um animal no instante em que a sociedade negava-lhe o acesso à dignidade humana, fazendo-o resistir ao meio cruel; de humilhação, de fome, de seca, que talvez um homem não conseguisse suportar, pois somente um animal resistiria.

Em *Vidas Secas*, o sertão ganhou contornos que foi além de uma mera descrição geográfica, de modo que o sertão retratado em *Vidas Secas* reflete a distância entre o sertanejo e o Estado. Assim, o sertão passou a ser o lugar onde o progresso não conseguiu entrar, sendo

o lugar do abandono. E o sertanejo passou a ser o “não civilizado” – o bárbaro – em que a civilização não conseguiu moldar.

Graciliano Ramos apontava para o soldado amarelo como uma figura do regime político representado pelo Estado; um Estado corrupto, ditatorial e temido. No sentido de indagar que Estado é este que ao invés de ajudar o cidadão a sobreviver diante de uma situação lastimável e tentar resolver os problemas, aumenta ainda mais a miséria e a desvalorização do ser humano. Face ao exposto, o Estado mostra o lugar insignificante ocupado pelo sofrido sertanejo. Lugar de humilhação, abandono e desprezo.

A função do Estado é prover o bem-estar social; é promover a satisfação da sociedade no que tange às necessidades básicas para uma vida digna, tais como educação, segurança, alimentação e dentre outros. Contudo, o Estado representado na obra não enxergava sertanejo como Fabiano, relegando-os à própria sorte, principalmente tendo em vista que o personagem estava à margem das políticas públicas, pois o Estado não lhe assegurava o acesso à educação, o direito a uma alimentação de qualidade e muito menos lhe ofertava segurança, uma vez que este foi preso e espancado pelo soldado amarelo.

Portanto, Fabiano estava num mundo que não compreendia: humilhado pelo soldado amarelo; roubado pelo patrão; vitimado pelo poder arbitrário do fiscal da prefeitura. Tudo estava contra o personagem, de forma a fazê-lo se curvar diante da situação como um bicho acuado. A oscilação entre sociedade e natureza determinou a condição de existência de Fabiano e fez com que reduzisse à condição de animal. Esse foi o mecanismo usado por Graciliano Ramos para representar o sertanejo em sua vida subumana e para questionar a sobrevivência humana dentro de um sistema que não proporciona uma situação de melhora para o sertanejo.

2- Fabiano: um ser humano à margem da linguagem

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos desenvolveu personagens no intuito de tecer uma crítica social e retratar os problemas e/ou aspectos internos do ser humano – sentimentos e pensamentos. Assim, o modo de agir e pensar de Fabiano, bem como a linguagem – enquanto fator de compreensão de si, do mundo e fator de mudança social – era discutido no rol dos processos de constituição de uma sociedade brasileira moderna. Sob este olhar, o autor construiu Fabiano na ficção para discutir os *tipos sociais* existentes no Brasil, ou seja, para mostrar os problemas sociais existentes onde o progresso e a modernidade não conseguiram chegar, visto que o Brasil não poderia ser enxergado apenas pelo viés urbano, mas também pelo viés rural, e ao fazer isto aponta que a constituição da sociedade brasileira se dava, também, pelo meio rural e agreste, assim, Graciliano Ramos buscava retratar os fatos sociais a partir do que fosse “universal” a toda a sociedade.

É importante ressaltar que na literatura e/ou na arte, a realidade adquire novos significados e novas representações. Desta maneira, se pode fundamentar a ideia de que, através da linguagem literária, Graciliano Ramos imitou uma dada realidade em sua obra, de modo a incitar uma reflexão sobre o mundo real a partir do mundo ficcional. O autor tinha um olhar voltado para as questões físico-sociais que permeavam a sociedade da época, de modo que a configuração do espaço brasileiro se dava por elementos que faziam parte de uma realidade nacional, como por exemplo: o homem sertanejo e o nordeste agreste.

O domínio que o romancista revela da técnica narrativa faz que se atente também para os recursos lexicais e narrativos com que a secura se projeta. A linguagem, assim, é motivada quer nos seus valores linguísticos quer na arte de composição, vale dizer, nos modos pelos quais se articulam as unidades do romance. O desenho das personagens e o desenvolvimento da ação narrativa encaram-se de consolidar a totalidade condensada nas “vidas secas”. (LUCAS, 1999, p. 107).

Neste sentido, em *Vidas Secas* o romancista aponta para uma realidade ao imitar de forma verossímil a vida do sertanejo no Nordeste brasileiro através do personagem de ficção Fabiano. Assim, conforme, Assis Brasil em *Crítica e Teoria Literária na Antiguidade* (1989)

pode-se compreender que para Aristóteles essa representação ou a Arte de imitar é própria do ser humano, e é a partir dela que o ser se diferencia das outras espécies, Sabendo que desde criança é da natureza do homem imitar, e é a partir dela que pode mudar a realidade a qual está inserido, e dar um fim que quiser dar.

A mimese, termo desenvolvido por Aristóteles nos seus estudos, quer dizer imitação. Para ele, o homem, desde pequeno, adquire conhecimento pela imitação. Em relação à arte, o homem continua a imitar a realidade, mas este imitar não é uma cópia gratuita. A Arte imita o real, mas não é verdadeiramente o real, mas apenas uma verossimilhança, ou seja, a Arte tem apenas um nexos com a realidade. Se não for assim, a criação artística não tinha valor, não encerraria uma livre faculdade sensível. Imitar não é fazer uma simples cópia servil e o artista pode até se dar ao luxo de “corrigir” algumas imperfeições da realidade. (BRASIL, 1989, p. 06)

Desta feita, Aristóteles transmite a ideia de que por meio da imitação, é possível observar um fato real dentro de uma ficção. Face ao exposto, a arte literária é capaz de informar e transformar a realidade, visto que na arte o artista é representado, de modo que este representa o homem. Entende-se a arte como uma forma de tecer uma crítica entrelaçada ao caráter imitativo da vida humana, de modo que, o artista, ao imitar, sensibiliza o leitor para o que acontece em sua própria realidade. Nessa perspectiva, a arte humaniza o homem quando este se reconhece no espaço literário.

Assim, diante dos pressupostos teóricos de Aristóteles, pode-se compreender que Graciliano Ramos, a partir da imitação linguística do sertanejo ambientado no século XIX, figurou o personagem Fabiano no intuito de descrever a seca do nordeste, que se projetava na economia vocabular de Fabiano. Assim, na pobreza de comunicação do personagem se condensava a pobreza e a seca do sertão nordestino. Fabiano era pobre, enquanto aspecto econômico e, acima de tudo, enquanto aspecto lexical, visto que sua comunicação deslizava entre pobreza lexical – com uma linguagem condensada, congruente com o ambiente sertanejo e com a sua condição de caipira – gestos e guturalizações própria do universo animal, pois:

(...) falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma linguagem com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e perigosas. (RAMOS, 1975, p. 19).

Conforme a citação acima, é notável que Fabiano é sujeitado a uma linguagem que nega a possibilidade de inserção ao espaço urbano, visto que consegue mensurar que não sabe

falar as palavras compridas e difíceis da gente da cidade. Na linguagem, estava a possibilidade de Fabiano contestar o soldado amarelo, o fiscal e o patrão, evitando ser humilhado e roubado. Entretanto, o “mundo lexical” do personagem era extremamente minúsculo, condizente com o espaço o qual estava inserido, impedindo-o de se articular conforme o poder instituído à linguagem; poder de persuasão, de mudança do cenário social e de existência humana.

Na linguagem se configura a transformação do mundo, em outras palavras, a linguagem não serve apenas para descrever o mundo que enxergamos, mas para enxergar o mundo em que estamos inseridos. O poder está na linguagem no momento em que esta é capaz de construir, modificar e reconstruir a realidade, contudo isso dependerá da habilidade com que a linguagem é utilizada, isto é, no tempo, momento e forma adequada ao contexto comunicativo.

Neste sentido, pode-se afirmar que Fabiano não tinha poder nenhum para mudar sua vida e a realidade cruel em que vivia, e na sua pobreza lexical isso se mostrava de forma contundente. A seca traduzia seus reflexos nos recursos linguísticos utilizados por Fabiano, uma vez que a escassez de alimento, de água, de vegetação refletia no modo como o personagem se comunicava com as pessoas. A secura do sertão foi capaz de desenhar o homem sertanejo frente à sua linguagem, tão escassa de diálogo e mergulhado num estilo monossilábico. Fabiano (...) “dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo”. (RAMOS, 1975, p. 22).

O personagem era contido em sua expressão, de modo que por usar uma linguagem cantada e monossilábica, este não possuía um repertório de palavras, por isso em casos de apuro, em que demandava uma comunicação, o personagem procurava repetir as palavras que seu Tomás da bolandeira costumava utilizar.

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira: - **Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.** Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (Grifos meu). (RAMOS, 1975, p. 27).

De acordo com esta passagem da obra, nota-se que do mesmo modo em que o personagem não possuía propriedades; não era dono de nada, também não era dono de sua linguagem, não falava a partir de um lugar ideológico, pois a linguagem não era do personagem, e por não ser deste, não revelava o seu posicionamento frente aos

acontecimentos sociais, não apontava o lugar que este ocupava na sociedade diante dos fatos que o perpassava.

No momento em que Fabiano usurpa a linguagem de seu Tomás da bolandeira, esta perde todo o sentido, uma vez que não faz parte de um diálogo entre o personagem e qualquer outra pessoa, e sim de palavras e/ou frases aleatórias que não faziam de Fabiano autor de seu discurso, sendo apenas mero reprodutor de discursos alheios. Neste instante, Fabiano não era sujeito, visto que esta linguagem não refletia o seu posicionamento frente à vida, às pessoas e aos acontecimentos sociais.

Fabiano estava acostumado a repetir gestos, não era autor, não criava nada, por isso não era sujeito, e esta questão também está alicerçada na própria vida do personagem, pois o seu modo de viver é uma repetição dos gestos de seus antepassados.

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário. (...) (RAMOS, op. cit., p. 17).

Assim, Fabiano, ao repetir, aceita de forma passiva a realidade dos outros. De modo que através de um sentimento de destino trágico e cruel, vive o que foi deixado a ele pelos antepassados. Com base nisso, o personagem não é protagonista da própria vida, deixa se levar pelos mesmos caminhos que conduziram seus avós e seus pais, observa-se neste sentido, que os mesmos problemas giram em torno dos membros da família, mas sempre permanecem exatamente iguais, pois nenhum deles mudou a realidade. Assim acontece com a linguagem de Fabiano, pois este conta apenas com alguns rudimentos da fala que não produz um lugar significativo dentro do espaço social. Por isso pode-se dizer que Fabiano não é sujeito de seu discurso, pois não o produz no sentido de compreender e modificar a realidade social.

Fabiano era resignado em tudo, e na pobreza de sua linguagem essa resignação ficava evidente. A pobreza e economia de palavras apontavam para a pobreza do ambiente em que vivia. Deste modo verifica-se a pobreza na linguagem de Fabiano numa tentativa de diálogo com sinhá Vitória:

(...) Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhe viam ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não

havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto (RAMOS, 1975, p. 63)

Para expressar as questões de ordem nacional, o autor não usou de uma linguagem artificial, mas uma linguagem que exprimisse a realidade linguística do sertanejo, com toda a sua pobreza de expressão, de modo que tal pobreza reflete o próprio ambiente sertanejo, pois a realidade reportada no cenário da seca é uma realidade de pobreza, os recursos de expressão eram minguados, da mesma forma que eram minguados a alimentação, chuva, vegetação – embora tivesse esta acentuava ainda mais a secura do sertão, visto que eram vegetações como palmas, mandacaru, macambira e dentre outros, que expressam a vegetação da caatinga, e por sua vez do Nordeste agreste.

Deste modo, o estado de miserabilidade do personagem trouxe suas conotações na sua miséria de pensamento. Se é preciso pensar para existir, o personagem inexistia na condição humana e se revelava na sua condição de animal desprovido de uma linguagem própria do universo humano. Dentro deste contexto, Fabiano era “privado daquilo que, segundo toda tradição metafísica ocidental, é próprio do homem: a linguagem, portanto a razão, linguagem e razão que permitem a instituição de uma ordem política”. (GANGNEBIN, 1997, p. 172).

Assim, se pode fundamentar a ideia de que é preciso ser dotado de razão e de linguagem para se inserir numa sociedade e ter o direito de criar, recriar e modificar as regras e normas que são inerentes ao convívio em grupo. É preciso ter razão para existir na condição de ser humano.

Sob este aspecto, é possível notar que Fabiano não tinha uma vida política, não tinha direito de ir e vir, não era nem político e nem social. O homem é considerado um ser social no instante em que deixa de buscar a auto-sobrevivência para empreender uma busca à sobrevivência intersocial, ou seja, nas relações sociais tem a consciência dos problemas e mobiliza estratégias para solucioná-las conforme ao que é reservado à política enquanto forma de solução pacífica dos problemas. Mas, no momento em que Fabiano se destitui do poder de mudar a realidade este “morre” enquanto ser humano para viver enquanto um animal. Esta é a forma utilizada por Fabiano para vencer as dificuldades.

(...) Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha. (...) Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito. Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Porque? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: - “Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto

papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás estrepa, igualzinho aos outros.” pois viera a seca, e o pobre do velho tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado. (RAMOS, 1975, p. 22)

Verifica-se que Fabiano, ao “morrer” enquanto um ser humano conseguiu sobreviver à seca, enquanto que seu Tomás da bolandeira por ser um intelectual, profundamente ligado ao universo letrado e por ter um nível de compreensão das coisas que aconteciam em sua volta, não estava preparado para viver no sertão, a isso se deve o seu fracasso. Mas, Fabiano conseguiu suportar todas as agruras do sertão Nordeste justamente pelo seu nível de rudeza elevado ao estilo animal. E esse nível de rudeza se materializa na sua linguagem, era preciso ser como um animal para suportar uma vida animalesca.

Fabiano é tomado por uma economia vocabular, o que dificulta a organização de seus pensamentos, reforçando a ideia de que este mergulha profundamente na pobreza de pensamentos. “Que desculpas iria apresentar à sinha Vitória? Forjava uma explicação difícil. Perdera o embrulho na fazenda, pagara na botica uma garrafada para sinha Rita louceira. Atrapalhava-se: **tinha imaginação fraca** e não sabia mentir”. (Grifos meu). (RAMOS, 1975, p. 28).

A narrativa nos fornece elementos que comprovam a pobreza mental de Fabiano, principalmente no instante em que o narrador aponta para a *imaginação fraca* do personagem, pois não consegue formular seus pensamentos com coerência, algo que qualquer pessoa racional seria capaz de fazer, mas Fabiano, por viver como um bicho e se comunicar como um bicho, não conseguia pensar como um homem.

O personagem era destituído de uma vida digna, não vivia como um homem, não falava como um homem e, portanto, não pensava como um homem. Seus pensamentos eram tão reduzidos quanto à sua linguagem, traduzindo na economia de sua linguagem e na brutalidade dos sons guturais com que usava para se comunicar, toda a pobreza do ambiente em que vivia e toda brutalidade que o meio lhe propiciava.

A zoomorfização de Fabiano, isto é, a mudança de comportamento ao estilo animal, se apresentava, também, na sua linguagem, a dificuldade que Fabiano tinha em usar a linguagem se projeta na dificuldade do personagem compreender a realidade a qual está inserido, de forma que dominar a linguagem seria uma forma de dominar a realidade e se colocar acima da condição de animal. Por isso da zoomorfização de Fabiano também estar imbricado à linguagem. Compreender a linguagem era o meio pelo qual se compreenderia o mundo que o cercava e todas as implicações para viver num mundo norteado por normas sociais e legais.

Na linguagem arcaica do personagem, ou seja, na maneira antiquada de se comunicar, era monossilábica, visto que não se adequava aos meios comunicativos urbanos, apenas se encaixava ao meio rural com que estava acostumado; uma vez que se distanciava dos recursos lexicais utilizados pela grande maioria da sociedade, se configurava a sua condição animalesca, principalmente tendo em vista que este lidava melhor com animais do que com gente. Pois com os animais não precisava usar as palavras, bastavam os sons guturais, gestos e uma linguagem monossilábica com que estava acostumado.

(...) Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto rosnando: - hum! hum! (...) mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo? _Ah! E por mais que forcejasse, não se convencia de que soldado amarelo fosse governo. Governo coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não podia consentir tão grande safadeza. (grifos meus). (RAMOS, 1987, P33/34).

Fabiano, ao ser excluído do mundo, enxerga o seu lugar dentro do cenário da seca; lugar de submissão e abandono. Cenário este que não lhe dava o direito de conquistar seu espaço na sociedade, pois sabia que só “poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos” no dia em não estivesse mais imerso no cenário da seca.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, **os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles.** (Grifos meu). (RAMOS, 1987, p. 24)

O personagem Fabiano conseguia mensurar que não fazia parte do “grande mundo”, Ou seja, da sociedade urbana e civilizada, era marginalizado e não podia falar, pois ter direito à fala implicava ter direito à existência humana, e Fabiano não existia, apenas figurava num mundo em que não tinha voz e nem vez. Diante de tais ideias, a identidade humana de Fabiano foi rarefeita pela ausência de linguagem, visto que este não conseguiu se tornar sujeito no instante que a linguagem verbal apresentava-se destituída do poder que lhe é dado em face de uma vida política e social.

É sabido que é na e pela política que o ser humano pode se conscientizar dos direitos e deveres que lhes são pertinentes dentro de uma sociedade, em outras palavras pode-se dizer que é por meio da política que os indivíduos conseguem resolver de forma pacífica os problemas e/ou conflitos que se entrelaçam ao meio social. Ou seja, é através do momento em

que o ser humano se coloca criticamente frente às situações que lhe incomodam e lhe causam transtornos, que estes começam a transformar a realidade, pois é neste momento que um problema que afeta toda uma classe começa a ser enxergado pelo poder político e fazer parte da agenda governamental, propiciando a implementação de políticas públicas que visam o bem-estar social. É exatamente isso que Fabiano poderia fazer, ou seja, mudar a sua realidade se este tivesse uma vida política. E a linguagem seria o meio pelo qual o personagem poderia exteriorizar sua consciência política. Pois este seria o momento em que Fabiano deixaria clara a sua posição ideológica frente aos mais diversos problemas existentes nas relações sociais. Portanto, Fabiano se lançou na condição de vida ao estilo animal, desprovido de uma vida digna e profundamente entrelaçado a uma linguagem monossilábica e gutural para conseguir viver no sertão. Em outras palavras o personagem se destituiu da vida em sociedade, em especial da vida no espaço alicerçado pelas regras sociais, para não 'morrer' devorado por este ambiente incompreendido por ele.

Considerações finais

A situação desumana vivida por Fabiano trouxe seus reflexos no corpo e na mente deste personagem. Por este viés, tem-se que a zoomorfização deste personagem se deslizou na imbricação entre os fatores internos e externos provocados pela ausência de uma vida digna, a qual fora negada pela sociedade e pelo Estado.

O interior do personagem foi se moldando a partir do ambiente hostil em que vivia, e tal ambiente não poderia ser considerado como exclusivamente a seca nordestina, pois não se trata aqui de um ambiente somente enquanto fator de natureza e sim enquanto meio social. À medida que ocorria a exclusão social e o abandono do Estado, o corpo e a mente de Fabiano se aniquilavam e este se rendia à situação.

Assim, o personagem transformou-se em um ser errante: A sina dele era percorrer mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. (RAMOS, 1975, p.19), ao trilhar por caminhos sem saber para onde estes iriam conduzi-lo, perambulando pelo sertão sem ter um lugar para se fixar, este ato de andar é um ato de animal, em busca de um espaço para sobreviver à seca e à segregação social. Deste modo, Fabiano sempre buscava uma condição de vida melhor, e esta tentativa se refletia na busca de um lugar que lhe desse a possibilidade de uma vida mais confortável e segura. *E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado.* (RAMOS, 1975, p. 121)

O próprio título da obra já nos remete para a questão geográfica do romance em contrapartida aos pensamentos e sentimentos dos personagens, assim, o interior e o exterior,

presente desde a forma como a obra se intitula, nos encaminha a uma imbricação, pois o título *Vidas Secas* pode ser compreendido como uma fusão entre mundo interno e externo do personagem. *O título conota algumas dimensões inerentes à obra: leva-nos a pensar igualmente em personagens que se defrontam com o fenômeno da seca do Nordeste e nas características físicas e psicológicas das personagens, rudes e contidas na sua expressão.* (LUCAS, 1999, 9.107)

A forma como a obra está intitulada nos faz refletir acerca da zoomorfização do personagem, pois do mesmo modo em que o zoomorfismo de Fabiano trouxe suas conotações ambíguas, isto é, ora partia do exterior e ora partia do interior, também ocorreu com o título do romance, visto que em alguns momentos pode-se considerar que *Vida Seca se remetia* ao ambiente ríspido e seco do nordeste, porém à medida que se procede à leitura ou se busca uma análise mais profunda, é possível perceber a natureza ambígua do título, pois se tem em consideração a vida do personagem como seca, pobre, sofrida, esquecida pelo Estado.

Essa secura da vida do personagem se manifestou de forma contundente nos recursos linguísticos utilizados por Fabiano. Visto que sua linguagem era seca como era seca a terra do sertão; sua linguagem era pobre como era pobre o meio em que vivia. Contudo, Fabiano teria uma possibilidade de mudar sua condição de vida se a sua linguagem não se resignasse às agruras do sertão nordestino e às hostilidades propiciadas pela sociedade.

Assim, Graciliano Ramos, desde a intitulação do romance até o desenrolar da narrativa apontou para a zoomorfização de Fabiano como fruto resultante da imbricação entre sua forma de agir e pensar – fatores internos – e a rispidez do ambiente seco e sofrido do nordeste – fatores externos. Na medida em que Fabiano conseguia mensurar sua dificuldade no sertão e sua exclusão da sociedade. Apesar de Fabiano ser um sertanejo ele tem consciência que não sabe falar bem, ele analisa as situações, mas não tem palavras para argumentar o que pensa. O personagem é tão submisso que não reação a nada, não tem forças está no extremo da submissão

Portanto, não tinha direito de viver como um homem. O personagem estava imerso na resignação, se curvava diante de tudo, e na sua linguagem essa resignação mostrava suas formas vívidas. Em suma, compreende-se que a zoomorfização de Fabiano não pode ser considerada como resultado único de fatores externos ou internos, e sim da imbricação entre esses dois elementos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945). Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

BRASIL, Assis. Crítica e Teoria Literária na Antiguidade. Ed. Tecnoprint s.a. 1989.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Editora Cultrix, 4ª ed. SP. 1994.

BRASIL, Assis. Crítica e Teoria Literária na Antiguidade. Ed. Tecnoprint s.a. 1989.

BRAGA, M. M. de M. *O modernismo brasileiro dos anos 30 e 40 em contextos educativos*. In: Anais do IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2006.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, J. A. *Presença da literatura brasileira III – Modernismo*. 3ª. ed. São Paulo: Difusão europeia do Livro, 1968.

_____. *Tese e antítese/ensaios*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 4ª. Ed.rev. e atual. São Paulo: Global, 1997.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Graciliano Ramos*. In: *Literatura e Humanismo: Ensaio de Crítica Marxista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Cultura e sociedade no Brasil/ensaios sobre ideias e formas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: PD&A editora, 2005.

LUCAS, Fábio. *Particularidades Estilísticas de Vidas Secas*. In: *Sociedade e literatura no Brasil* – organizadores: José Antonio Segatto & Ude Baldan. São Paulo: Editora Unesco, 1999.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira Através dos Textos*. Cultrix, 20ª ed. Rev. E aum. São Paulo, 1994.

MORAES, Eduardo de Jardim. *A constituição da idéia de modernidade no modernismo brasileiro*. Tese defendida na UFRJ, 1983.

NEVES, M. da; PONTES, A. de. *Panorama do regionalismo de 30*. In.: *Caderno João Pessoa*, vol. 4, nº. 06. João Pessoa, jul/dez2001.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. posfácio de Álvaro Lins, ilustrações de Aldemir Martins. 34ª ed. Rio: Record; São Paulo: Martins, 1975.

VELOSO, M. MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Site:

<<<http://educaterra.com.br/literatura/livrodomes/2002/09/03/002.htm>>> Acesso em 28/08/2011 às 08h21min.